

# Uma referência para refletir sobre a amamentação

Fernanda Marques

**T**reze anos atrás, o livro *Amamentação: um híbrido natureza-cultura*, da Editora Fiocruz, punha em crise o então paradigma do aleitamento materno. Durante muito tempo, a amamentação foi considerada apenas a partir de sua dimensão biológica – o aleitamento como uma função natural do corpo feminino. Pouco a pouco, foi introduzido o discurso acerca da subjetividade da mulher na decisão de amamentar. Contudo, os mesmos profissionais que abraçavam esse discurso não conseguiam, na prática, oferecer uma atenção integral às mães e caíam no velho reducionismo biológico. Nesse contexto, a publicação do livro ofereceu novas reflexões e demonstrou que, para compreender a amamentação, era necessário olhar a natureza e a cultura como um tecido inteiriço, indissociável. Desde então, é este novo paradigma que tem servido de base para projetos e ações sobre aleitamento materno. O livro, há muito esgotado e hoje disponível em acesso aberto no Portal SciELO Livros, continua sendo referência primária para os interessados em estudar os fatos e fenômenos ligados à amamentação.

O livro é um dos frutos do doutorado em saúde da mulher e da criança de João Aprígio Guerra de Almeida, profissional engajado na política nacional de aleitamento desde o início da década de 1980. “No final dos anos 1990, apesar dos avanços na formulação da política, o que se observava era uma repetição dos discursos, sem uma efetiva mudança das práticas”, conta

o autor. Ou seja: a política reconhecia a amamentação como um processo biopsicossocial, mas a estrutura hospitalar permanecia pouco acolhedora para as mães e muitas delas, embora cientes dos benefícios do aleitamento, procediam ao desmame precoce.

A principal alegação – e não a causa – desse desmame era o leite ter

As reflexões propostas no livro foram – e ainda são – alicerces que permitiram ampliar e consolidar a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, a maior e mais complexa no mundo. A partir dela foi criada a rede latino-americana, que rapidamente virou ibero-americana e hoje já reúne 23 países, inclusive da África. “Nossa rede comporta 32 projetos e, ano após ano, esse trabalho é reconhecido por seu enorme êxito no âmbito da cooperação internacional em saúde”, destaca Almeida, lembrando que o livro também ganhou uma versão em inglês.

Embora a publicação de 1999 continue sendo referência, “urge retrabalhar uma segunda edição refletindo acerca dos alcances do paradigma atual e também de seus limites nos dias de hoje”, adianta o autor. “O paradigma atual não precisa ser colocado em crise, mas deve ser discutido, para manter acesa a chama da reflexão”, explica. Depois do livro, muitas iniciativas de promoção e proteção do aleitamento materno foram desencadeadas, mas houve também o aporte de novos conhecimentos e transformações sociais. Em termos operacionais, é necessário adequar as iniciativas às demandas e expectativas atuais, conservando os resultados desejados.

“O paradigma requer uma relação dialética e dialógica com este momento atual”, reforça Almeida. Como exemplo, o autor cita o campo da comunicação. “Hoje temos uma internet cada vez mais presente na vida das pessoas; temos as redes sociais e as mais variadas formas de interação; temos uma multiplicidade de mensagens e informações. É fundamental compreender o papel dessas dinâmicas no processo decisório da mulher sobre a amamentação”, comenta. ❁



“secado” ou ser “fraco”. A partir da publicação do livro, essa situação passou a ser problematizada. “Quem é ‘fraco’, afinal? O leite, a mulher ou nós, profissionais de saúde, gestores, cidadãos, que não compreendemos as intencionalidades por trás dessa alegação e não conseguimos fornecer o suporte necessário para a superação das dificuldades na amamentação?”, questiona Almeida.